

*Exposição*



*50 Poemas  
de Abril*

Xosé Bieito Arias Freixedo, 2024

## O contexto histórico-político

Em vésperas do 25 de Abril, Portugal era um país anacrónico. Último império colonial do mundo ocidental, travava uma guerra colonial em três frentes africanas e fazia face a sucessivas condenações nas Nações Unidas.

Neste Portugal era rara a família que não tinha alguém a combater em África. O serviço militar durava quatro anos, a expressão pública de opiniões contra o regime e contra a guerra era severamente reprimida. Os partidos e movimentos políticos se encontravam proibidos, as prisões políticas cheias, a oposição política exilada, os sindicatos fortemente controlados, a greve interdita, o despedimento facilitado e a vida cultural vigiada.

Era um tempo de injustiças sociais agravadas dentro de um persistente atraso económico e cultural, num contexto que contribuía para uma certa identificação entre o regime ditatorial e o próprio modelo de desenvolvimento capitalista. Estas circunstâncias foram, em grande parte, responsáveis pelo golpe de estado iniciado pelo Movimento dos Capitães, o posterior Movimento das Forças Armadas (MFA), e pela euforia revolucionária popular que se viveu a seguir à Revolução dos Cravos do 25 de Abril de 1974.

A 25 de Novembro de 1975, outro golpe militar pôs fim a esta euforia e à influência de uma parte da esquerda militar, do designado "Poder Popular". Este contragolpe foi levado a cabo por militares da ala moderada e levou à demissão de alguns militares mais radicais, entre os quais Otelo Saraiva de Carvalho. O 25 de Novembro deu origem a uma certa estabilidade política que se tornou visível com a redacção da Primeira Constituição da República de 1976. Mas continua a haver muitas vozes críticas deste processo.

Maria Manuela Cruzeiro (2005):

“No fundo, os militares [moderados] acreditavam na social-democracia para a transição socialista, esquecendo que no resto da Europa a social democracia há muito esquecera a revolução. [...] E talvez seja esta uma das mais pesadas heranças de Novembro: esse desajuste dramático entre o discurso e a realidade, que é ainda hoje a debilidade maior da vida portuguesa.”

“25 de Novembro – Quantos Golpes afinal?” (<https://i.gal/IL0cd>).

Alberto Seixas Santos (1982):

“Há uma hábil intenção de apagar os factos, de reduzir a complexidade a um único acontecimento. Farão do 25 de Novembro um feriado, celebrando a vitoriosa defesa da Revolução. Sim, misturaram os dados de tal maneira, que uma coisa facilmente passa por outra. Os culpados por vítimas, as palavras por factos, a propaganda pela realidade.”

*Gestos e Fragmentos*, longa-metragem, 90min.

# 2024 / 50 Poemas de Abril



Há 50 anos, no dia 25 de Abril de 1974, às zero horas e vinte e nove minutos, Portugal recuperou a liberdade. Era o fim da ditadura fascista de Salazar e Marcelo Caetano, que oprimiam o país há 48 anos.

A exposição **2024 / 50 Poemas de Abril – Poesia para levar** conta simbolicamente com 50 poemas. Quer dar uma ideia do que foi a ação conjunta do Movimento das Forças Armadas (MFA) e do povo português, de mulheres e homens anónimos, de escritoras e escritores, na chamada Revolução dos Cravos.

Esta exposição inspira-se também num cartaz histórico. Depois do 25 de Abril, Portugal encheu-se de murais, graffiti e cartazes. Tinha sido um país onde imperava o cinzento, literal e metafórico, e que agora redescobria cores vivas, do vermelho dos cravos a todas as demais. A criatividade e euforia em cartazes e murais, com inúmeros estilos gráficos e iconográficos, eram também um sinal da liberdade recuperada. Talvez um dos mais louvados cartazes de Abril, do qual existem duas versões, era da já então conceituada pintora Maria Helena Vieira da Silva. Foi realizado em 1974, sob proposta da grande poeta Sophia de Mello Breyner Andresen, de quem é o verso que deu título aos dois cartazes: “A Poesia está na Rua”.



A poesia está na rua : 25 de Abril de 1974, Vieira da Silva, postal, cor, 15x11 cm, Biblioteca Nacional Digital, <http://purl.pt/29968://purl.pt/29968>



A poesia está na rua : 25 de Abril de 1974, Vieira da Silva, papel, guache, 104,7x74,2 cm, Centro de Arte Moderna Gulbenkian, Inv. PE110

Por um brevíssimo tempo, o poder caiu nas mãos das pessoas na rua até que o dia 25 de Novembro de 1975 fechou esta porta. O que ficou, porém, foi o poder da poesia e da música de intervenção e de protesto, que literalmente povoaram as ruas depois do 25 de Abril. Os “Poemas para levar” querem exemplificar também esta indispensável relação entre poesia e política. Incluem-se também perspectivas críticas, assim como exemplos de poemas dos âmbitos galego e espanhol.

A música da revolução, um poderoso meio de expressão e de mobilização popular, documenta-se através das letras de várias canções célebres, portuguesas e brasileiras, cujos códigos QR levam às versões originais. Na seleção geral destes poemas para levar privilegamos a palavra das autoras.

**50 Poemas de Abril** está patente na Facultade de Filoloxía e Tradución, no Camões – Centro Cultural Português em Vigo e na Fundación Vicente Risco em Allariz. A sua presença em Allariz representa a primeira actividade conjunta entre a Fundación Vicente Risco e a I Cátedra Internacional José Saramago, entidades que, no mês de Março de 2024, assinaram um convénio de colaboração.

Esta exposição é uma homenagem a quem fez e viveu a Revolução do 25 de Abril, que devolveu à sociedade portuguesa a liberdade nos espaços público e privado, a liberdade de expressão — em palavras, em gestos, na voz e na arte. Mas também não esquece as novas gerações que continuam, com uma memória activa, a (re)pensar a liberdade em cada dia. No poema “Vem ciclónica a luz que te vai mordendo o rosto” (13/4/2024), Cláudia R. Sampaio formula essa necessidade de continuarmos Abril de forma insistente:

**Agita-te, descalça-te de sossego, pois que já o sabias:**

**Nenhum dia será teu sem liberdade**

### **50 Poemas de Abril — Poesia para levar**

Fundación Vicente Risco, Allariz. 25 de Abril de 2024. 20:00.

Facultade de Filoloxía e Tradución, Vigo. 15-29 de Abril de 2024. 8:30-20:45.

Camões – Centro Cultural Português, Vigo. 25 de Abril até 31 de Maio de 2024.

Segunda, quarta e sexta-feira: 11:00–14:00.

Terça e quinta-feira: 16:30–19:30.

Sábado/domingo: Encerrado.



Organização: CJS-UVigo e projeto POEPOLIT II (PID2019-105709RB-I00).

Curadoria: Xosé Bieito Arias Freixedo, Burghard Baltrusch, André Bernardo.

Seleção dos poemas: Burghard Baltrusch.

Vigo: I Cátedra dJosé Saramago da Universidade de Vigo.

50 Poemas de Abril © 2024, I Cátedra Internacional José Saramago da Universidade de Vigo, CC BY-NC 4.0  
As pessoas indicadas como autoras/es de poemas e letras serão consideradas titulares dos seus textos e terão os direitos sobre eles.

Cláudia R. Sampaio

## VEM CICLÓNICA A LUZ QUE TE VAI MORDENDO O ROSTO

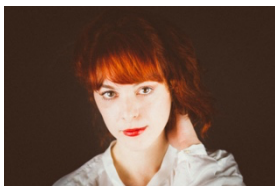
Vem ciclónica a luz que te vai mordendo o rosto  
e a neblina que prevês mudar o rumo

Um certo dom dos olhos inclinados a esperança,  
onde a deixaste que não te sossega o espírito  
perguntas pela raiz de um outro Abril  
onde eras fio e impulso das alturas,  
a destreza de uma asa ensolarada



Estás cansada, cruzas pela casa a tua diagonal,  
os teus pronomes,  
e atiras ao escuro o registo da hora exacta  
sabendo que é sozinha que vais lavrar o poema  
com os seus ossinhos finos de armas em flor

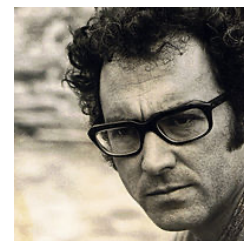
Agita-te, descalça-te de sossego, pois que já o sabias: nenhum  
dia será teu sem liberdade



Cláudia R. Sampaio é poeta e artista plástica nascida em Lisboa (1981). Escreveu para cinema, televisão e teatro. Tem sete livros de poesia até ao momento e tem também obra publicada no Brasil, México e Espanha. É uma das artistas do projecto artístico Manicómio. Este poema foi publicado no Público, 13/04/2024, na série 50 poemas inéditos de 50 autores sobre revolução.



José (Zeca) Afonso



Grândola Vila Morena

Grândola, vila morena  
Terra da fraternidade  
O povo é quem mais ordena  
Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti, ó cidade  
O povo é quem mais ordena  
Terra da fraternidade  
Grândola, vila morena

Em cada esquina um amigo  
Em cada rosto igualdade  
Grândola, vila morena  
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade  
Grândola, vila morena  
Em cada rosto igualdade  
O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira  
Que já não sabia a idade  
Jurei ter por companheira  
Grândola a tua vontade

Grândola a tua vontade  
Jurei ter por companheira  
À sombra duma azinheira  
Que já não sabia a idade



"Grândola, Vila Morena" é uma canção composta e cantada por José Afonso dos Santos (Zeca Afonso, 1929-1987), um dos cantores e compositores portugueses mais importantes do século XX. A canção foi incluída no álbum *Cantigas do Maio* (gravado em França em 1971) e Zeca Afonso estreou-a em Santiago de Compostela no dia 10 de Maio de 1972.

No dia 29 de março de 1974, foi cantada num espectáculo no Coliseu de Lisboa. Na assistência estavam militares do Movimento das Forças Armadas (MFA), que viriam a escolher a canção como um dos sinais do arranque da revolução, para ser transmitida na Rádio Renascença na madrugada do 25 de abril de 1974. Por esse motivo, transformou-se em símbolo da revolução, assim como do início da democracia em Portugal.

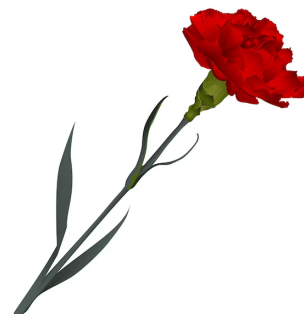
Pouco antes da sua morte, Zeca Afonso cantou e gravou uma nova edição da canção com amigas e amigos galegos na *Homenagem da Galiza a José Afonso* (Vigo, 1985).



Em Fevereiro de 2013, o primeiro-ministro de Portugal, Pedro Passos Coelho, foi interrompido no parlamento pelo movimento "Que se lixe a troika!" a cantar "Grândola Vila Morena" como forma de protesta contra as políticas económicas do seu governo. Dias depois, esta mesma música foi cantada em Madrid na Puerta del Sol numa manifestação. Ainda em Fevereiro, o Ministro dos Assuntos Parlamentares, Miguel Relvas, foi igualmente interrompido por manifestantes ao som do Grândola, uma estratégia que se tem continuado a praticar desde então.



Sophia de Mello Breyner Andresen



**25 de Abril**

Esta é a madrugada que eu esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e do silêncio  
E livres habitamos a substância do tempo

*O Nome das Coisas*, 1974  
*Obra Poética III*, Lisboa: Caminho 1996



Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



José (Zeca) Afonso

## VAMPIROS

No céu cinzento sob o astro mudo  
Batendo as asas pela noite calada  
Vêm em bandos com pés de veludo  
Chupar o sangue fresco da manada

Se alguém se engana com seu ar sisudo  
E lhes franqueia as portas à chegada  
Eles comem tudo eles comem tudo  
Eles comem tudo e não deixam nada

A toda a parte chegam os vampiros  
Poisam nos prédios poisam nas calçadas  
Trazem no ventre despojos antigos  
Mas nada os prende às vidas acabadas

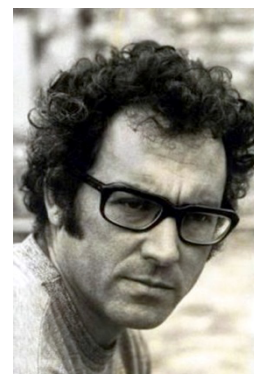
São os mordomos do universo todo  
Senhores à força mandadores sem lei  
Enchem as tulhas bebem vinho novo  
Dançam a ronda no pinhal do rei

Eles comem tudo eles comem tudo  
Eles comem tudo e não deixam nada

No chão do medo tombam os vencidos  
Ouvem-se os gritos na noite abafada  
Jazem nos fossos vítimas dum credo  
E não se esgota o sangue da manada

Se alguém se engana com seu ar sisudo  
E lhes franqueia as portas à chegada  
Eles comem tudo eles comem tudo  
Eles comem tudo e não deixam nada

Eles comem tudo eles comem tudo  
Eles comem tudo e não deixam nada



José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos (Aveiro, 2 de agosto de 1929 — Setúbal, 23 de fevereiro de 1987), foi um cantor e compositor português. É também conhecido pelo diminutivo familiar de Zeca Afonso, apesar de nunca ter utilizado este nome artístico. É o autor de Grândola, Vila Morena que foi utilizada pelo Movimento das Forças Armadas para confirmar que a Revolução do 25 de Abril estava em marcha.





Sophia de Mello Breyner Andresen



## REVOLUÇÃO - DESCOBRIMENTO

Revolução isto é: descobrimento  
Mundo recomeçado a partir da praia pura  
Como poema a partir da página em branco  
— Catarsis emergir verdade exposta  
Tempo terrestre a perguntar seu rosto



*O Nome das Coisas*, 1974  
*Obra Poética III*, Lisboa: Caminho 1996

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



# José (Zeca) Afonso “Traz outro amigo também”

Amigo  
Maior que o pensamento  
Por essa estrada amigo vem  
Não percas tempo que o vento  
É meu amigo também

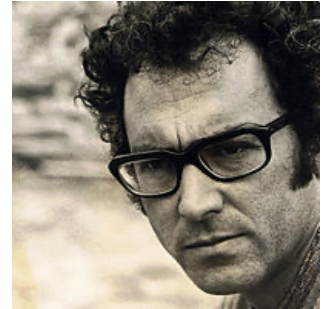
Em terras  
Em todas as fronteiras  
Seja bem-vindo quem vier por bem

Se alguém houver que não queira  
Trá-lo contigo também

Aqueles  
Aqueles que ficaram  
(Em toda a parte todo o mundo tem)

Em sonhos me visitaram  
Traz outro amigo também

JOSÉ AFONSO, in “Traz outro amigo também”,1970



José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos (1929-1987), foi um cantor e compositor português. É também conhecido pelo diminutivo familiar de Zeca Afonso, apesar de nunca ter utilizado este nome artístico. É o autor de “Grândola, Vila Morena” que foi utilizada pelo Movimento das Forças Armadas para confirmar que a Revolução do 25 de Abril estava em marcha.



Sophia de Mello Breyner Andresen



## REVOLUÇÃO

Como casa limpa  
Como chão varrido  
Como porta aberta

Como puro início  
Como tempo novo  
Sem mancha nem vício

Como a voz do mar  
Interior de um povo

Como página em branco  
Onde o poema emerge

Como arquitectura  
Do homem que ergue  
Sua habitação

*O Nome das Coisas*, 1974  
*Obra Poética III*, Lisboa: Caminho 1996



Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



Sérgio Godinho



## LIBERDADE

Vimos com o peso do passado e da semente  
Esperar tantos anos torna tudo mais urgente  
e a sede de uma espera só se estanca na torrente  
e a sede de uma espera só se estanca na torrente  
Vivemos tantos anos a falar pela calada  
Só se pode querer tudo quando não se teve nada  
Só quer a vida cheia quem teve a vida parada  
Só quer a vida cheia quem teve a vida parada  
Só há liberdade a sério quando houver  
A paz, o pão  
habitação  
saúde, educação  
Só há liberdade a sério quando houver  
Liberdade de mudar e decidir  
quando pertencer ao povo o que o povo produzir  
quando pertencer ao povo o que o povo produzir



Sérgio de Barros Godinho mais conhecido por Sérgio Godinho (Porto, 31 de agosto de 1945) é um poeta, compositor, intérprete e, também actor português. Como autor, compositor e cantor, personifica perfeitamente a sua música O Homem dos Sete Instrumentos. Multifacetado, representou já em filmes, séries televisivas e peças teatrais. A dramaturgia surge com a assinatura de algumas peças de teatro assumindo-se também como realizador.



Sophia de Mello Breyner Andresen



## NESTA HORA

Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda  
Mesmo aquela que é impopular neste dia em que se invoca o povo  
Pois é preciso que o povo regresse do seu longo exílio  
E lhe seja proposta uma verdade inteira e não meia verdade

Meia verdade é como habitar meio quarto  
Ganhar meio salário  
Como só ter direito  
A metade da vida

O demagogo diz da verdade a metade  
E o resto joga com habilidade  
Porque pensa que o povo só pensa metade  
Porque pensa que o povo não percebe nem sabe

A verdade não é uma especialidade  
Para especializados clérigos letrados

Não basta gritar povo é preciso expor  
Partir do olhar da mão e da razão  
Partir da limpidez do elementar

Como quem parte do sol do mar do ar  
Como quem parte da terra onde os homens estão  
Para construir o canto do terrestre  
— Sob o ausente olhar silente de atenção

Para construir a festa do terrestre  
Na nudez de alegria que nos veste



*O Nome das Coisas*, 1974  
*Obra Poética III*, Lisboa: Caminho 1996

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



Sophia de Mello Breyner Andresen



## COM FÚRIA E RAIVA

Com fúria e raiva acuso o demagogo  
E o seu capitalismo das palavras

Pois é preciso saber que a palavra é sagrada  
Que de longe muito longe um povo a trouxe  
E nela pôs sua alma confiada

De longe muito longe desde o início  
O homem soube de si pela palavra  
E nomeou a pedra a flor a água  
E tudo emergiu porque ele disse

Com fúria e raiva acuso o demagogo  
Que se promove à sombra da palavra  
E da palavra faz poder e jogo  
E transforma as palavras em moeda  
Como se fez com o trigo e com a terra



*O Nome das Coisas*, 1974  
*Obra Poética III*, Lisboa: Caminho 1996

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.



José Mário Branco

## MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES



Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.



E se tudo o mundo é composto de mudança,  
Troquemo-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança.

Continuamente vemos novidades,  
Diferentes em tudo da esperança;  
Do mal ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem, se algum houve, as saudades.



Mas se tudo o mundo é composto de mudança,  
Troquemo-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
Que já coberto foi de neve fria,  
E em mim converte em choro o doce canto.

Mas se tudo o mundo é composto de mudança,  
Troquemo-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança.

E, afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto:  
Que não se muda já como soía.

Mas se tudo o mundo é composto de mudança,  
Troquemo-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança.

José Mário Monteiro Guedes Branco, mais conhecido por José Mário Branco (Porto, 25 de maio de 1942 – Lisboa, 19 de novembro de 2019), foi um músico, cantautor, compositor/arranjador e produtor musical português. É descrito como "um dos nomes maiores da canção portuguesa" e apresenta uma extensa actividade musical nas mais variadas áreas, contando com uma carreira de cinco décadas.



Sophia de Mello Breyner Andresen



### A SALGUEIRO MAIA

Aquele que na hora da vitória  
respeitou o vencido

Aquele que deu tudo e não pediu a paga

Aquele que na hora da ganância  
Perdeu o apetite

Aquele que amou os outros e por isso  
Não colaborou com a sua ignorância ou vício

Aquele que foi «Fiel à palavra dada à ideia tida»  
como antes dele mas também por ele  
Pessoa disse

Salgueiro Maia na madrugada de 25 de Abril de 1974, dirigindo-se aos soldados da Escola Prática de Cavalaria, em Santarém:

"Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos! De maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto. Quem for voluntário, sai e forma. Quem não quiser sair, fica aqui!"



Fernando José Salgueiro Maia (1944-1992) foi um dos mais distintos capitães do Movimento das Forças Armadas (MFA). Foi Salgueiro Maia quem comandou no dia 25 de Abril a coluna de blindados que, vinda de Santarém, montou cerco aos ministérios do Terreiro do Paço forçando a rendição do último chefe de governo da ditadura, Marcelo Caetano, no Quartel do Carmo. Recusou cargos de poder político, transformando-se em símbolo da coragem e da generosidade dos capitães de Abril.



Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) foi uma das mais importantes poetas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999.





Ermelinda Duarte

## SOMOS LIVRES

Ontem apenas  
fomos a voz sufocada  
dum povo a dizer não quero;  
fomos os bobos-do-rei  
mastigando desespero.

Ontem apenas  
fomos o povo a chorar  
na sarjeta dos que, à força,  
ultrajaram e venderam  
esta terra, hoje nossa.

Uma gaivota voava, voava,  
assas de vento,  
coração de mar.  
Como ela, somos livres,  
somos livres de voar.

Uma papoila crescia, crescia,  
grito vermelho  
num campo qualquer.  
Como ela somos livres,  
somos livres de crescer.

Uma criança dizia, dizia  
"quando for grande  
não vou combater".  
Como ela, somos livres,  
somos livres de dizer.

Somos um povo que cerra fileiras,  
parte à conquista  
do pão e da paz.  
Somos livres, somos livres,  
não voltaremos atrás.



“Somos Livres” foi uma canção do pós-25 de Abril, tendo sido, pelo seu simbolismo, um dos temas mais populares a seguir à Revolução.

A canção, escrita e cantada pela atriz Ermelinda Duarte, com arranjos de José Cid, pertencia à peça de teatro *Lisboa 72/74*, da autora teatral e encenadora Luzia Maria Martins, então levada à cena no Teatro Estúdio de Lisboa na altura em funcionamento num edifício situado na Feira Popular, em Lisboa.

Mário Martins, da editora Valentim de Carvalho, convenceu Ermelinda Duarte a gravá-la em disco e a RTP fez um vídeo da canção.



# José Carlos Ary dos Santos

## *As portas que abril abriu* (excerto)

E tivemos de pagar  
com o sangue de um soldado  
o preço de já não estar  
Portugal suicidado.

Fugiram como cobardes  
e para terras de Espanha  
os que faziam alardes  
dos combates em campanha.

E aqui ficaram de pé  
capitães de pedra e cal  
os homens que na Guiné  
aprenderam Portugal.

Os tais homens que sentiram  
que um animal racional  
opõe àqueles que o firmam  
consciência nacional.

Os tais homens que souberam  
fazer a revolução  
porque na guerra entenderam  
o que era a libertação.

Os que viram claramente  
e com os cinco sentidos  
morrer tanta tanta gente  
que todos ficaram vivos.

Os tais homens feitos de aço  
temperado com a tristeza  
que envolveram num abraço  
toda a história portuguesa.

Essa história tão bonita  
e depois tão maltratada  
por quem herdou a desdita  
da história colonizada.

Dai ao povo o que é do povo  
pois o mar não tem patrões.  
– Não havia estado novo  
nos poemas de Camões!

Havia sim a lonjura  
e uma vela desfraldada  
para levar a ternura  
à distância imaginada.

Foi este lado da história  
que os capitães descobriram  
que ficará na memória  
das naus que de Abril partiram  
das naves que transportaram  
o nosso abraço profundo  
aos povos que agora deram  
novos países ao mundo.  
(...)

E em sua pátria fizeram  
o que deviam fazer:  
ao seu povo devolveram  
o que o povo tinha a haver:  
Bancos seguros petroléos  
que ficarão a render  
ao invés dos monopólios  
para o trabalho crescer.

Guindastes portos navios  
e outras coisas para erguer  
antenas centrais e fios  
dum país que vai nascer.

Mesmo que seja com frio  
é preciso é aquecer  
pensar que somos um rio  
que vai dar onde quiser  
pensar que somos um mar  
que nunca mais tem fronteiras  
e havemos de navegar  
de muitíssimas maneiras.

No Minho com pés de linho  
no Alentejo com pão  
no Ribatejo com vinho  
na Beira com requeijão  
e trocando agora as voltas ao vira da  
produção  
no Alentejo bolotas (...)



Ficou na História da música portuguesa por ter escrito poemas de 4 canções vencedoras do Festival RTP da Canção e apuradas para representarem Portugal no Festival Eurovisão da Canção: *Desfolhada Portuguesa* (1969), com interpretação de Simone de Oliveira, *Menina do Alto da Serra* (1971), interpretada por Tonicha, *Tourada* (1973), interpretada por Fernando Tordo e *Portugal no Coração* (1977), interpretada pelo grupo Os Amigos. Além disso, assinala-se ainda a sua importante colaboração como letrista de fados e/ou canções interpretados por Amália Rodrigues e Carlos do Carmo.



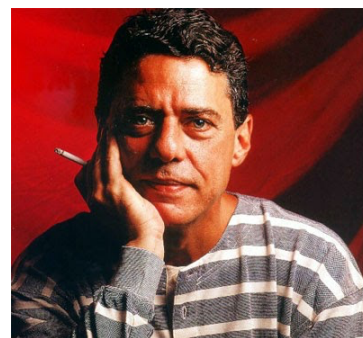
# Chico Buarque

## Tanto Mar

Sei que está em festa, pá  
Fico contente  
E enquanto estou ausente  
Guarda um cravo para mim  
Eu queria estar na festa, pá  
Com a tua gente  
E colher pessoalmente  
Uma flor no teu jardim



Sei que há léguas a nos separar  
Tanto mar, tanto mar  
Sei, também, que é preciso, pá  
Navegar, navegar  
Lá faz primavera, pá  
Cá estou doente  
Manda urgentemente  
Algum cheirinho de alecrim



Foi bonita a festa, pá  
Fiquei contente  
Ainda guardo renitente  
Um velho cravo para mim  
Já murcharam tua festa, pá  
Mas certamente  
Esqueceram uma semente  
Nalgum canto de jardim

Francisco Buarque de Hollanda mais conhecido como Chico Buarque (Rio de Janeiro, 19 de junho de 1944), é um cantor, compositor, dramaturgo, escritor e ator brasileiro. É considerado por muitos críticos o maior artista vivo da música brasileira.

Sei que há léguas a nos separar  
Tanto mar, tanto mar  
Sei, também, quanto é preciso, pá  
Navegar, navegar  
Canta primavera, pá  
Cá estou carente  
Manda novamente  
Algum cheirinho de alecrim



Kleiton e Kledir

## Vira Virou



Vou voltar na primavera  
E era tudo o que eu queria  
Levo terra nova daqui



Quero ver o passaredo  
Pelos portos de Lisboa  
Voa, voa, que eu chego já



Ai, se alguém segura o leme  
Dessa nave incandescente  
Que incendeia a minha vida  
Que era viajante lenta  
Tão faminta d'alegria  
Hoje é porto de partida

Ah, vira, virou  
Meu coração navegador  
Ah gira, girou  
Essa galera

Kleiton & Kledir é uma dupla brasileira formada pelos irmãos Kleiton Alves Ramil (Pelotas, 23 de agosto de 1951) e Kledir Alves Ramil (Pelotas, 21 de janeiro de 1953). Ambos são irmãos do também músico Vitor Ramil e primos do também músico Pery Souza. A composição *Vira, virou* é uma homenagem a Portugal, à liberdade e à mulher portuguesa.



Maria Teresa Horta



## Mulheres de Abril

Mulheres de Abril  
somos  
mãos unidas

certeza já acesa  
em todas  
nós

Juntas formamos  
fileiras  
decididas

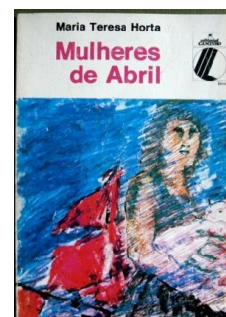
ninguém calará  
a nossa  
VOZ

Mulheres de Abril  
somos  
mãos unidas

na construção  
operária  
do país

Nos vemos férteis  
a vontade  
erguida

de um Portugal  
que o povo  
quis



Maria Teresa Horta (\*1937) é uma jornalista, romancista e poeta portuguesa. Participou, desde os anos 1960 de movimentos em defesa da mulher e pela liberdade de expressão. Foi, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, co-autora das *Novas Cartas Portuguesas*, o texto fundacional do feminismo literário em Portugal. Os seus livros abordam a questão feminina a partir da representação do corpo da mulher como símbolo da desvinculação do sistema patriarcal. Foi censurada, teve livros apreendidos, agredida fisicamente na rua e também ficou impedida, por uns tempos, de exercer a profissão de jornalista.



# Maria Teresa Horta

## Catarina Eufémia

O punho ergueste  
em haste  
de coragem

os pés fincaste  
na terra  
com ternura

e só de paz falavam os teus olhos  
quando tombaste dobrada  
pela cintura

À tua frente souberas a resposta  
na arma pronta  
a morte no teu ventre

mas nem um filho  
ao colo  
te calou a fala

grito de água  
no Alentejo ardente



Maria Teresa Horta (\*1937) é uma jornalista, romancista e poeta portuguesa. Participou, desde os anos 1960 de movimentos em defesa da mulher e pela liberdade de expressão. Foi, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, co-autora das *Novas Cartas Portuguesas*, o texto fundacional do feminismo literário em Portugal. Os seus livros abordam a questão feminina a partir da representação do corpo da mulher como símbolo da desvinculação do sistema patriarcal. Foi censurada, teve livros apreendidos, agredida fisicamente na rua e também ficou impedida, por uns tempos, de exercer a profissão de jornalista.



# Maria Teresa Horta

## Mulher nova

*À Inácia,  
Operária da Philips*

Tens um cravo  
nas mãos  
e vens de Abril

operária a construíres-te  
pouco a pouco

Trazes constante em ti  
o desafio

Mulher nova  
a crescer  
vinda do povo



Maria Teresa Horta (\*1937) é uma jornalista, romancista e poeta portuguesa. Participou, desde os anos 1960 de movimentos em defesa da mulher e pela liberdade de expressão. Foi, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, co-autora das *Novas Cartas Portuguesas*, o texto fundacional do feminismo literário em Portugal. Seus livros abordam a questão feminina a partir da representação do corpo da mulher como símbolo da desvinculação do sistema patriarcal. Foi censurada, teve livros apreendidos, agredida fisicamente na rua e também ficou impedida, por uns tempos, de exercer a profissão de jornalista.

Maria Teresa Horta

## Mulheres do meu País

Deu-nos Abril  
o gesto e a palavra

fala de nós  
por dentro da raíz

Mulheres  
quebrámos as grandes barricadas  
dizendo igualdade  
a quem ouvir nos quis

E assim continuamos  
de mãos dadas

O povo somos  
mulheres do meu país



Maria Teresa Horta (\*1937) é uma jornalista, romancista e poeta portuguesa. Participou, desde os anos 1960 de movimentos em defesa da mulher e pela liberdade de expressão. Foi, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, co-autora das *Novas Cartas Portuguesas*, o texto fundacional do feminismo literário em Portugal. Seus livros abordam a questão feminina a partir da representação do corpo da mulher como símbolo da desvinculação do sistema patriarcal. Foi censurada, teve livros apreendidos, agredida fisicamente na rua e também ficou impedida, por uns tempos, de exercer a profissão de jornalista.





Manuel Alegre

**ABRIL DE ABRIL**



Era um Abril de amigo    Abril de trigo  
Abril de trevo e trégua e vinho e húmus  
Abril de novos ritmos novos rumos.

Era um Abril comigo    Abril contigo  
ainda só ardor e sem ardil  
Abril sem adjectivo Abril de Abril.

Era um Abril na praça    Abril de massas  
era um Abril na rua Abril a rodos  
Abril de sol que nasce para todos.

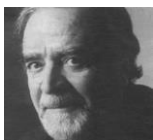
Abril de vinho e sonho em nossas taças  
era um Abril de clava    Abril em acto  
em mil novecentos e setenta e quatro.

Era um Abril viril    Abril tão bravo  
Abril de boca a abrir-se    Abril palavra  
esse Abril em que    Abril se libertava.

Era um Abril de clava    Abril de cravo  
Abril de mão na mão e sem fantasmas  
esse Abril em que Abril floriu nas armas.

*Atlântico, 1981*

*Abril, Braga: Comissão Abril de Abril 1999*



Manuel Alegre (\*1936) é um poeta e político português. Distinguiu-se na oposição ao regime salazarista e marcelista, tendo conhecido o exílio. Após 1974 foi governante, deputado socialista e candidato independente às eleições presidenciais.



Fernando Assis Pacheco

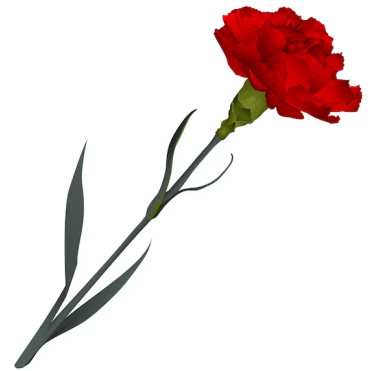
## REGRESSO DA ÍNDIA

Mandou el-rei nosso senhor  
ver se da parte de além-mar  
sua fazenda engrossaria  
mas enquanto no mar corria  
a armada pus-me a pensar  
tudo isto com o meu suor?

mandou el-rei que sem temor  
se andasse o mar até chegar  
à costa da prata fria  
e para tanta fantasia  
a armada corria e eu a pensar  
tudo isto com o meu suor?

mandou el-rei e mercador  
supremo que na feira-mar  
se usasse da astúcia à vilania  
para seu bem que é obra pia  
e a armada corria e eu a pensar  
tudo isto com o meu suor?

estou em Lisboa limpando o fedor  
numa fonte aonde vim lavar  
o meu nojo na água fria  
e ora chora quem outrora ria  
com vontade de nunca acabar  
tanto feirar era fanfarraria  
d'el-rei capitão e nosso senhor



1991, *A Musa Irregular*, Lisboa: Assírio & Alvim 2006

Fernando Assis Pacheco (1937-1995) foi um jornalista,  
crítico, tradutor e escritor português.



Natália Correia

## SONETO DE ABRIL

Evoé! de pâmpano os soldados  
rompem do tempo em que Evoé! a terra  
salvé rainha descruzando os braços  
com seu pé de papiro pisa a fera.

Na écloga dos rostos despontados  
onde dos corvos se retira a treva,  
de beijo em beijo as ruas são bailados  
mudam-se as casas para a primavera.

Evoé! o povo abre o touril  
e sai o Sol perfeitamente Abril  
maravilha da Pátria ressurrecta.

Evoé! evoé! Tágides minhas  
outras vez prateadas campainhas  
sois na cabeça em fogo do poeta.



*PoemAbril*

Carlos Loures e Manuel Simões (orgs.)

Coimbra: Fora do Texto 1994



Natália de Oliveira Correia (1923-1993) foi uma intelectual, poeta e activista social açoriana, autora de extensa e variada obra, com predominância para a poesia. Deputada à Assembleia da República (1980-1991), interveio ao nível da cultura, na defesa dos direitos humanos e dos direitos das mulheres. Autora da letra do Hino dos Açores. Juntamente com José Saramago, entre outros autores, foi, em 1992, fundadora da Frente Nacional para a Defesa da Cultura.

Exposição | 2024 – 50 anos de Abril

Organização:  
Núcleo de Estudos Lusófonos do Dpto. de Filologia Galega e Latina

I Cátedra Internacional  
José Saramago  
Universidade de Vigo



Natália Correia

## Já as primeiras cousas são chegadas / I

Tanta foice isto é coice desconfio...  
Tanto de marx martelar já cansa.  
Adrede é labirinto não me fio  
no fio que o comício ao coro lança.

De tanto ruminar tanto Rossio  
numa canga aguilhando tanta esperança.  
Tanto poder ao povo com feitio  
de espezinhá-lo depois da governança.

Tanta denúncia. É a pedagogia  
da Revolução que o excremento avia  
e não chegámos ao último terceto.

Recém-nascida apenas deste em cabra  
Ó Liberdade! Não sei como isto acaba,  
não sei como acabar este soneto.



NATÁLIA CORREIA, in "Epístola aos lamitas". Lisboa, Dom Quixote, 1976 Lisboa, Ed. autor, 1957



Natália de Oliveira Correia (1923-1993) foi uma intelectual, poeta e activista social açoriana, autora de extensa e variada obra, com predominância para a poesia. Deputada à Assembleia da República (1980-1991), interveio ao nível da cultura, na defesa dos direitos humanos e dos direitos das mulheres. Autora da letra do Hino dos Açores. Juntamente com José Saramago, entre outros autores, foi, em 1992, fundadora da Frente Nacional para a Defesa da Cultura.



António Ramos Rosa

## O Homem de Abril

A José Gomes Ferreira

Eis o homem de Abril.

Nasceu fraco e de pé.

De fraco, fez-se velho.

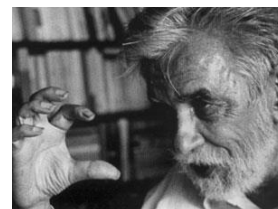
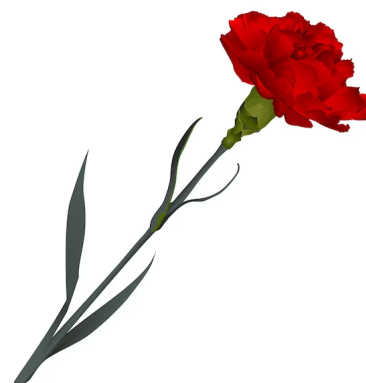
Fez-se velho a valer.

Sentou-se ao pé de um muro.

Atrás o sol nascia.

Uma rosa rompeu.

Era manhã. Bom dia!



António Ramos Rosa (\*1924-2013) foi considerado um dos melhores poetas portugueses contemporâneos. Tendo recebido inúmeros prémios, viu o seu nome apontado como candidato ao Prémio Nobel da Literatura. Ao longo da sua obra, estão reflectidos desde o subjectivismo inicial ao cultivo puramente objectivo, elementos neo-realistas, surrealistas, neo-clássicos e neo-barrocos.



Alexandre O'Neill

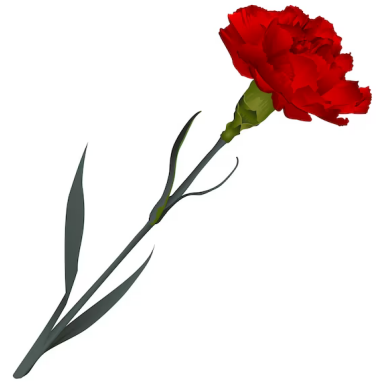
## PORTUGAL

Ó Portugal, se fosse só três sílabas,  
linda vista para o mar,  
Minho verde, Algarve de cal,  
jerico rapando o espinhaço da terra,  
surdo e miudinho,  
moinho a braços com um vento  
testarudo, mas embolado e, afinal, amigo,  
se fosses só o sal, o sol, o sul  
o ladino pardal,  
o manso boi coloquial,  
a rechinante sardinha,  
a desancada varina,  
o plumitivo ladrilhado de lindos adjetivos,  
a muda queixa amendoada  
duns olhos pestanítidos,  
se fosses só a cegarrega do estio, dos estilos,  
o ferrugento cão asmático das praias,  
o grilo engaiolado, a grila no lábio,  
o calendário na parede, o emblema na lapela,  
ó Portugal, se fosses só três sílabas  
de plástico, que era mais barato!

Doceiras de Amarante, barristas de Barcelos,  
rendeiras de Viana, toureiros da Golegã,  
não há «papo-de-anjo» que seja o meu derriço,  
galo que cante a cones na minha prateleira,  
alvura arrendada para meu devaneio,  
bandarilha que possa enfeitar-me o cachaço.

Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo,  
golpe até ao osso, fome sem entretém,  
perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes,  
rocim engraxado,  
feira cabisbaixa,  
meu remorso,  
meu remorso de todos nós...

*Feira Cabisbaixa, Lisboa, Sá da Costa, 1979*



Alexandre O'Neill (1924-1986),  
foi um importante poeta  
do movimento surrealista.  
Foi várias vezes preso  
pela polícia política, a PIDE.



Portugal  
Eu tenho vinte e dois anos e tu às vezes fazes-me sentir  
como se tivesse oitocentos  
Que culpa tive eu que D. Sebastião fosse combater os  
infiéis ao norte de África  
só porque não podia combater a doença que lhe  
atacava os órgãos genitais  
e nunca mais voltasse  
Quase chego a pensar que é tudo mentira, que o Infante  
D. Henrique foi uma invenção do Walt  
Disney  
e o Nuno Álvares Pereira uma reles imitação do  
Príncipe Valente

Portugal  
Não imaginas o tesão que sinto quando ouço o hino  
nacional  
(que os meus egrégios avós me perdoem)  
Ontem estive a jogar póker com o velho do Restelo  
Anda na consulta externa do Júlio de Matos  
Deram-lhe uns electro-choques e está a recuperar  
à parte o facto de agora me tentar convencer que nos  
espera um futuro de rosas

Portugal  
Um dia fechei-me no Mosteiro dos Jerónimos a ver se  
contraía a febre do Império  
mas a única coisa que consegui apanhar foi um  
resfriado  
Virei a Torre do Tombo do avesso sem lograr encon-  
trar uma pétala que fosse  
das rosas que Gil Eanes trouxe do Bojador

Portugal  
Se tivesse dinheiro comprava um Império e dava-to  
Juro que era capaz de fazer isso só para te ver sorrir

Portugal  
Vou contar-te uma coisa que nunca contei a ninguém  
Sabes

Estou loucamente apaixonado por ti  
Pergunto a mim mesmo  
Como me pude apaixonar por um velho decrépito e  
idiota como tu  
mas que tem o coração doce ainda mais doce, que os  
pastéis de Tentúgal  
e o corpo cheio de pontos negros para poder espremer  
à minha vontade

Portugal estás a ouvir-me?  
Eu nasci em mil novecentos e cinquenta e sete, Salazar  
estava no poder, nada de ressentimentos  
O meu irmão esteve na guerra, tenho amigos que  
emigraram, nada de ressentimentos  
Um dia bebi vinagre nada de ressentimentos  
Portugal depois de ter salvo inúmeras vezes os Lusíadas  
a nado na piscina municipal de Braga  
ia agora propôr-te um projecto eminentemente nacional  
Que fossemos todos a Ceuta à procura do olho que  
Camões lá deixou

Portugal  
Sabes de que cor são os meus olhos?  
São castanhos como os da minha mãe  
Portugal  
gostava de te beijar muito apaixonadamente  
na boca



1991, *O Poeta Nu*, Lisboa, Fenda Edições, 1999.

Jorge de Sousa Braga  
(\*1957) é poeta, tradutor e  
médico português.



Joaquim Castro Caldas

## EXORCISMO ROMÂNTICO

Chega amanhã à doca de Leixões, a bordo de um bacalhoeiro marroquino, o ex-monarca português D. Sebastião, aceite que foi pelas autoridades de Rabat o pedido de extradição solicitado pelo Instituto Português de Antropologia. Acusado de bluff patriótico, mitomania hereditária e contaminável, tráfico de haxixe e envolvimento numa vasta rede terrorista, o antigo rei far-se-á transportar congelado numa urna frigorífica, de onde transitará para um micro-ondas com sistema de vídeo, no interior do qual assistirá à projecção privada de “Non – Ou A Vã Glória De Mandar” – a famosa película de Manoel de Oliveira. À chegada, a que não estarão presentes entidades governamentais, o Presidente da comissão dos Descobrimentos fará um discurso em que tentará desmistificar as razões que o levaram, na qualidade em exercício, a preferir financiar esta deslocação histórica a apoiar o citado filme. Seguir-se-á a cremação sumária do bacalhoeiro marroquino com o respectivo ilustre passageiro lá dentro, cerimónia que todo o Povo poderá acompanhar em directo num canal devidamente codificado pela televisão do Estado para o efeito, com comentários de Eduardo Lourenço (no caso de não ser transmitido em diferido o Salgueiros-Boavista por causa do mau tempo) e logo de seguida vir para as ruas festejar em unísono a trasladação do enguiço. E já agora blindar o assunto, nunca mais se falar nisso.



1991, *A Musa Irregular*, Lisboa: Assírio & Alvim 2006

Joaquim Castro Caldas (1956-2008) foi um poeta e crítico literário português.





# A garota não

## 422

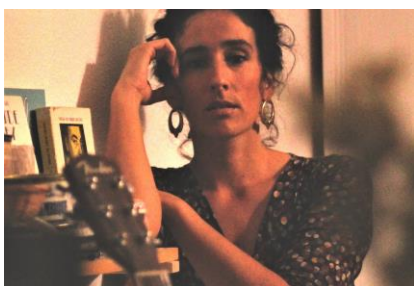
A roleta nem andou à roda  
mas é que ser excêntrico é moda  
combustível é mais do que império  
é calar quem está no ministério

é calar quem cumpre cada dia  
é calar toda a democracia  
é fazer de tudo um argumento  
até nos toldar o pensamento

422 milhões  
do planeta fome eu sou  
que país tão bom pra tubarões  
do planeta fome eu sou  
422 milhões  
do planeta fome eu sou  
somos accionistas sem ações

se não for a guerra e a pandemia  
será porque alguém disse poesia  
será por passar um barco à vela  
será porque alguém veio à janela

A subida é prato do dia  
Tanto imposto barriga vazia  
e esta raiva que juntos calamos  
faz crescer a mão dos soberanos



Cátia Mazari Oliveira (Setúbal, 29 de outubro de 1983) é uma cantora portuguesa mais conhecida pelo nome artístico "A Garota Não."

Letra e Música: Cátia Mazari Oliveira  
Produção: Sérgio Miendes, "A garota não"

A GAROTA NÃO

CANÇÃO A ZÉ MÁRIO BRANCO



há quem seja comum  
há quem não tenha assunto  
há quem traga mais um  
há quem traga um conjunto



Cátia Mazari Oliveira (Setúbal, 29 de outubro de 1983) é uma cantora portuguesa mais conhecida pelo nome artístico "A Garota Não"

porque a força que traz  
tem o povo na frente  
e ser um dos que faz  
resistência à corrente

"Canção a Zé Mário Branco"

Letra: A garota não

Música: Sérgio Miendes + A garota não

Produção: Sérgio Miendes

Voz: A garota não

Guitarra elétrica: Sérgio Miendes

Percussão: Diogo Sousa + Público CCB.

derramar na canção  
o que dói no país  
ser a revolução  
ser a boca que diz:



"que caminho tão longo  
que viagem tão comprida  
que deserto tão grande  
sem fronteira nem medida"

Medley de A Garota Não e Luca Argel ao vivo na Festa do Avante, 2 setembro de 2023, onde também há uma versão da "Canção a Zé Mário Branco".

Liberdade  
Querida liberdade  
O nosso chão tem sonhos e vontade



Adolfo Luxúria Canibal

## REVOLUÇÃO



Tenho uma revolução,  
francesa, perfumada,  
que entre 68 e 75 me levou  
pela mão, em festa,  
a conhecer os mistérios  
do mundo.

Anda, desde então,  
encavalitada pelas estantes,  
entre despojos da memória  
e insones sonhos por cumprir,  
poemas desesperados,  
amores antigos e já esquecidos,  
vagos distúrbios de consciência  
e muitas outras coisas  
espalhadas  
que não vale a pena enumerar.  
E guia-me  
pelo labirinto do devir,  
a livrar-me da ameaça do tédio  
nosso de cada dia.



Adolfo Luxúria Canibal, jurista, fundou os grupos Mão Morta e Mécanosphère, de que é vocalista e letrista, tendo mais de 30 discos editados. Criou espectáculos de spoken word e de dança, performances neuro-áudio-visuais, filmes de videoarte e foi actor em cinema e teatro. Publicou uma dezena de livros. Este poema foi publicado no Público, 01/04/2024, na série 50 poemas inéditos de 50 autores sobre revolução.



Adília Lopes

## D. Sebastião e Marianna Alcoforado

A minha prisão  
está cheia  
de nevoeiro

O meu convento  
está cheio  
de vento

No nevoeiro  
não tenho  
paradeiro

No vento  
não tenho  
contento

Passo os dias  
com as minhas tias

Eu também

Estou farto  
do meu parto

Estou farta  
de Esparta

Um bispo  
não resolve isto



*Obra*, Lisboa, Mariposa Azul 2000

Adília Lopes, pseudónimo literário de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira, (\*1960) é uma poeta, cronista e tradutora portuguesa. A sua poesia está marcada pelo pós-modernismo.



Eu quero foder foder  
achadamente  
se esta revolução  
não me deixa  
foder até morrer  
é porque  
não é revolução  
nenhuma  
a revolução  
não se faz  
nas praças  
nem nos palácios  
(essa é a revolução  
dos fariseus)  
a revolução  
faz-se na casa de banho  
da casa  
da escola  
do trabalho  
a relação entre  
as pessoas  
deve ser uma troca  
hoje é uma relação  
de poder  
(mesmo no foder)  
a ceifeira ceifa  
contente  
ceifa nos tempos livres  
(semana de 24 x 7 horas já!)  
a gestora avalia  
a empresa  
pela casa de banho  
e canta  
contente  
porque há alegria  
no trabalho  
o choro da bebé  
não impede a mãe  
de se vir  
a galinha brinca  
com a raposa  
eu tenho o direito  
de estar triste

Adília Lopes

## Eu quero foder



Adília Lopes, pseudónimo literário de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira, (\*1960) é uma poeta, cronista e tradutora portuguesa. A sua poesia está marcada pelo pós-modernismo.

1999, *Florbela Espanca espanca*, in *Obra*, Lisboa: Mariposa Azual 2000



Andreia C. Faria

## A MADRUGADA (DEPOIS DE SOPHIA)



Veio sem mundo por vir.  
Veio sem caução depois da noite velha.  
Veio antes ou depois do pensamento, a parte animal  
que lhe servia. Por dentro das casas  
e nas ruas. Para não matar, os militares bebiam  
o último litro de sangue das flores. Para não  
matar, para inventar  
a madrugada, quer dizer a violência de uma nudez.  
Veio a espera dos corpos, quer dizer  
a alegria. Veio a manhã solta  
como malha na saia de uma rapariga.



**Andreia C. Faria** nasceu no Porto, em 1984. Publicou *Flúor* (Textura Edições, 2013), *Um pouco acima do lugar onde melhor se escuta o coração* (Edições Artefacto, 2015) e *Tão bela como qualquer rapaz* (Língua Morta, 2017, Prémio SPA Poesia). Em 2019 publicou *Alegria para o fim do mundo* (Porto Editora, Prémio Literário Fundação Inês de Castro), volume que reúne todos os livros anteriores. Em 2020 publicou o conjunto de prosas *Clavicórdio* (Língua Morta), em 2022 *Canina* (Tinta da China, Prémio PEN Clube) e em 2024 *Canto do Aumento* (Sr. Teste, com desenhos de Rita Roque). Este poema foi publicado no Público no dia 11/04/2024.



# Deolinda

## PARVA QUE EU SOU

Sou da geração sem remuneração  
E não me incomoda esta condição  
Que parva que eu sou  
Porque isto está mal e vai continuar  
Já é uma sorte eu poder estagiar  
Que parva que eu sou  
E fico a pensar  
Que mundo tão parvo  
Onde para ser escravo é preciso estudar

Sou da geração "casinha dos pais"  
Se já tenho tudo, pra quê querer mais?  
Que parva que eu sou  
Filhos, maridos, estou sempre a adiar  
E ainda me falta o carro pagar  
Que parva que eu sou  
E fico a pensar  
Que mundo tão parvo  
Onde para ser escravo é preciso estudar

Sou da geração "vou queixar-me pra quê?"  
Há alguém bem pior do que eu na TV  
Que parva que eu sou  
Sou da geração "eu já não posso mais!"  
Que esta situação dura há tempo demais  
E parva não sou  
E fico a pensar,  
Que mundo tão parvo  
Onde para ser escravo é preciso estudar



"Parva que sou" é uma canção dos Deolinda, grupo de revelação dos últimos anos em Portugal, da autoria (música e letra) de Pedro da Silva Martins. Foi apresentada ao público pela primeira vez no Coliseu do Porto nos dias 22 e 23 de janeiro de 2011. A canção converteu-se, espontaneamente, numa espécie de hino do precariado jovem em Portugal e foi caracterizada como uma "descrição da primeira geração que vive e viverá pior que os pais".



# Diva

## CANÇÃO DE EMBALAR

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Dorme meu menino a estrela d'alva  
Já a procurei e não a vi  
Se ela não vier de madrugada  
Outra que eu souber será pra ti  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô

Outra que eu souber na noite escura  
Sobre o teu sorriso de encantar  
Ouvirás cantando nas alturas  
Trovas e cantigas de embalar  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô

Trovas e cantigas muito belas  
Afina a garganta meu cantor  
Quando a luz se apaga nas janelas  
Perde a estrela d'alva o seu fulgor  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô

Perde a estrela d'alva pequenina  
Se outra não vier para a render  
Dorme quinda à noite é uma menina  
Deixa-a vir também adormecer  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô



Diva foi uma banda portuguesa de algum sucesso nas décadas de 1980 e 1990. O grupo foi formado em 1985 por Natália Casanova (voz), Pedro Solaris (guitarra), João Vitorino (bateria), Diamante (baixo) e João Marques (teclas).

Participam com uma versão de "Canção de Embalar" no disco "Filhos da Madrugada. Atuam no concerto "Filhos da Madrugada ao Vivo".





## Essa Entente

### Sr. Arcanjo (Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Senhor arcanjo  
Vamos jantar  
Caem os anjos  
Num alguidar

Hibernam túbias  
Suspiram rãs  
Comem orquídeas  
Nas barbacãs

Entra na porta  
Menina-faia  
Prova uma torta  
Desta papaia

Palita os dentes  
Põe-te a cavar  
Dormem videntes  
No Ultramar

Que bela fita  
Que bem não está  
A prima Bia  
De tafetá

E vai o lente  
Come um repolho  
Parte-se um pente  
Fura-se um olho

A pacotilha  
Tem mais amor  
À gargantilha  
Do regedor

Põe a gravata  
Menino bem  
Que essa cantata  
Não soa bem

Senhor arcanjo  
Vamos jantar  
Caem os anjos  
Num alguidar

E as quatro filhas  
Do marajá  
Vão de patilhas  
Beber o chá



O grupo Essa Entente é uma banda portuguesa de pop / rock formada por Paulo Riço (voz e guitarra acústica), Paulo Sousa (guitarra eléctrica) e Paulo Neto (bateria), e Manuel Machado (acordeão), aos quais se juntaram o baixista Jorge Pamplona, ex. Toranja, e o teclista António Bragança.

No ano de 1988, tocam no concerto Sons do Parque, ao lado de nomes consagrados, como GNR e Xutos & Pontapés, o que lhes valeu o seu primeiro contracto com a PolyGram, tendo o álbum saído em 1989, e sido produzido por Manuel Faria (Trovante), tendo como tema mais conhecido "Dança Nua".



Gisela Casimiro

## ABRIL — O CRAVO VEM

1.

Abril – o cravo vem  
chamar a liberdade  
para brincar



2.

Na mesa de voto  
escrevi o poema  
a revolução

3.

Uns pulmões que  
faísquem na voz –  
a ignição da revolução



4.

Meço a minha liberdade  
por quantas pessoas  
ainda falta libertar

5.

Do sangue feito seiva  
brota a flor da marcha  
concreta da liberdade

**Gisela Casimiro** (Guiné-Bissau, 1984) é escritora, artista, oradora, performer e activista portuguesa. Publicou *Erosão*, *Giz* e *Estendais*. Traduziu e escreveu o prefácio de *Irmã Marginal*, de Audre Lorde. É autora da dramaturgia de *Casa com Árvores Dentro*, encenado por Cláudia Semedo. Fez apoio à dramaturgia de *Blackface!*, de Marco Mendonça, e apoio à criação de *Belonging*, de Raquel André. Coordena o Clube de Leitura do Batalha Centro de Cinema com Teresa Coutinho. É membro fundador da UNA – União Negra das Artes.

GNR

## CORO DOS TRIBUNAIS

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Foram-se os bandos dos chacais  
Chegou a vez dos tribunais  
Vão reunir o bom e o mau ladrão  
Para votar sobre um caixão  
Quando o inocente se abateu  
Inda o morto não morreu  
Quando o inocente se abateu  
Inda o morto não morreu

A decisão do tribunal  
É como a sombra do punhal  
Vamos matar o justo que ali jaz  
Para quem julga tanto faz  
Já que o punhal não mata bem  
A lei matemos também  
Já que o punhal não mata bem  
A lei matemos também

Soa o clarim soa o tambor  
O morto já não sente a dor  
Quando o deserto nada tem a dar  
Vêm as águias almoçar  
O tribunal dá de comer  
Venham assassinos ver  
O tribunal dá de comer  
Venham assassinos ver

Se o criminoso se escondeu  
Nada de novo aconteceu  
A recompensa ao punho que matou  
Uma fortuna a quem roubou  
Guarda o teu roubo guarda-o bem  
Dentro de um papel a lei

Composição: José Afonso / B. Brecht.



GNR (sigla de Grupo Novo Rock) é uma banda portuguesa de pop rock, formada no Porto, em setembro de 1980, por Alexandre Soares (vocal e guitarra), Vitor Rua (guitarra) e Tóli César Machado (bateria). O grupo surgiu no período denominado "boom do rock português", mas os elementos da banda consideram que estiveram à margem do fenómeno, pois quebraram barreiras e criaram uma nova sonoridade em Portugal. Atualmente a banda é constituída por Tóli César Machado (guitarra, teclas e acordeão), Jorge Romão (baixo) e Rui Reininho (vocal).



ISABEL PÉREZ MONTALBÁN

REVOLUCIÓN



Compañera, sábana tendida al sol:

El porvenir será refugiarme en tus labios.  
El porvenir es perder la memoria.

Con feroces pancartas creímos en la industria,  
las consignas a gritos, subidas salariales  
que llevaban carcoma y concesiones  
al acero de nuestros sindicatos.  
Hicimos muchos planes, profecías,  
estudios de dialéctica  
sobre aquella república marxista,  
promesas de un elástico futuro  
de reparto, cultura y amor libre.  
Todos iguales en derechos,  
para todos caviar y frutas tropicales.

Por ahora las calles son nostalgia,  
cementeros de smoking y sexo telefónico,  
látigos y silicios de diseño  
en bellas pasarelas parisinas.  
Y un comercio de putas caribeñas.

Me acuerdo de otras calles.  
Lisboa, *terra da fraternidade*.  
en la boca de los fusiles  
la gente plantaba claveles.

El día 3 de noviembre de 1992, Bill Clinton llega  
al poder en EEUU, metrópoli de su imperio.

*Cartas de amor de un comunista* (1999)



Isabel Pérez Montalbán (Córdoba, 1964). Poeta perteneciente a la «poesía de la conciencia crítica». Desde *No es precisa la muerte* (1992) a *Puente levadizo* (1996) -Premio Barcarola de 1995- y *Cartas de amor de un comunista* (1999), su poesía desarrolla temas de denuncia y crítica social. Posteriormente ha publicado *Los muertos nómadas* (2001) -Premio Leonor de Poesía de Soria-, *Siberia Propia* (2007), *Animal ma non troppo* (2008) y *Un cadáver lleno de mundo* (2010) -Premio Ciudad de Córdoba Ricardo Molina-, y *El frío proletario. Antología (1992-2018)*. El último poemario *Vikinga* (2020) recibió Premio Internacional de Poesía Ciudad de Melilla (2019).



ISABEL PÉREZ MONTALBÁN

CARTA ÚLTIMA (ASILO)

Compañera, alfabeto desenterrado:

Me asilaré en tus senos. Veremos las migraciones de las aves con cualquier excusa. Cualquier imprevisto nos devolverá audible el pulso de los pájaros.

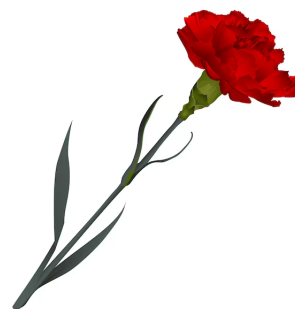
Desde los balcones, inmunes a las pisadas de la revolución que se gesta bajo nosotros, hablaremos del crepúsculo -mientras yo me acomodo el dolor entre la piel y la camisa-. Soñaremos un anticipo de sábanas planchadas -mientras yo mutilo el rostro de la traición suavemente, sin que tú lo adviertas-.

Adivino las madrugadas en las que te arrepientes de un reencuentro que apenas puede ofrecerte más que lo ajeno, la sangre en tarros de derrota, la permanencia táctil del exilio. Y unas tijeras con que recortar venganzas y aprender renuncias. Y aprender renuncias, como una nueva tabla de multiplicar, aprender renuncias.

Mis ruinas se fragmentarán dóciles frente a tu mirada, y así podrás rehabilitar castillos como trasteros, en los que ocultarnos de ese fantasma que recorre los continentes y de cuyo nombre no quiero acordarme.

Después de tantas revoluciones, llego a casa en 1992.  
Petrogrado, octubre de 1917.  
España, julio de 1936.  
La Habana, enero de 1959.  
Lisboa, abril de 1974.

*Cartas de amor de un comunista* (1999)



Isabel Pérez Montalbán (Córdoba, 1964). Poeta perteneciente a la «poesía de la conciencia crítica». Desde *No es precisa la muerte* (1992) a *Puente levadizo* (1996) -Premio Barcarola de 1995- y *Cartas de amor de un comunista* (1999), su poesía desarrolla temas de denuncia y crítica social. Posteriormente ha publicado *Los muertos nómadas* (2001) -Premio Leonor de Poesía de Soria-, *Siberia Propia* (2007), *Animal ma non troppo* (2008) y *Un cadáver lleno de mundo* (2010) -Premio Ciudad de Córdoba Ricardo Molina-, y *El frío proletario. Antología (1992-2018)*. El último poemario *Vikinga* (2020) recibió Premio Internacional de Poesía Ciudad de Melilla (2019).



Madredeus

MAIO MADURAO MAIO

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)



Maio maduro Maio, quem te pintou?  
Quem te quebrou o encanto, nunca te amou.  
Raiava o sol já no Sul.  
E uma falua vinha lá de Istambul.



Sempre depois da sesta chamando as flores.  
Era o dia da festa Maio de amores.  
Era o dia de cantar.  
E uma falua andava ao longe a varar.



Maio com meu amigo quem dera já.  
Sempre no mês do trigo se cantará.  
Qu'importa a fúria do mar.  
Que a voz não te esmoreça vamos lutar.

Os Madredeus são um dos grupos musicais portugueses de maior projecção mundial. A sua música combina influências da música popular portuguesa e do fado, com a música erudita e com a música popular contemporânea. Nos seus vinte anos de carreira, os Madredeus lançaram 14 álbuns e estiveram em turné em 41 países — incluindo a Coreia do Norte e um festival de música dentro do Círculo Polar Ártico, em território norueguês, vendendo mais de três milhões de cópias.

Numa rua comprida El-rei pastor.  
Vende o soro da vida que mata a dor.  
Anda ver, Maio nasceu.  
Que a voz não te esmoreça a turba rompeu.



# Mão Morta

## AVÓ CAVERNOSO

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

O avô cavernoso  
Instituiu a chuva  
Ratificou a demora  
Persignou-se  
Ninguém o chora agora  
Perfumou-se  
Vinte mil léguas de virgens vieram  
Inutéis e despidas  
Flores de malva  
E a boina bem segura  
Sobre a calva

Ao avô cavernoso quem viu a tonsura?  
E a tenda dos milagres e a privada?  
Na tenda que foi nítida conjura  
As flores de malva murcham devagar  
Devagar  
Até que se ouvem gritos, matinadas



O grupo Mão Morta é uma banda portuguesa de rock avant-garde, formada na cidade de Braga. Em 2024 os Mão Morta perfazem 40 anos de existência ininterrupta, desde a sua formação em Novembro de 1984. Por coincidência, em 2024 decorrem 50 anos sobre o golpe de Estado que pôs fim à ditadura fascista, a 25 de Abril de 1974. Sem esse dia primeiro da liberdade os Mão Morta jamais teriam existido.



# Peste & Sida

## O HOMEM DA GAITA

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Havia na terra  
um homem  
que tinha  
uma gaita bem de pasmar.  
Se alguém a ouvia,  
fosse gente ou bicho,  
entrava na roda a dançar.  
Um dia passava  
um sujeito e ao lado  
um burro com louça a trotar  
O dono e o burro,  
ouvindo a tocata,  
puseram-se logo a bailar.  
Partiu-se a faiança  
em cacos com a dança.  
E o pobre pedia, a gritar,  
ao homem da gaita  
que acabasse a fita,  
mas nada ficou por quebrar.  
O Juiz de Fora,  
chamado na hora:  
Só tenho que te condenar!  
Mas quero uma prova,  
se é crime ou se é trova.  
Faz lá essa gaita tocar!  
O homem da louça,  
sentado na sala,  
levanta-se e põe-se a saltar.  
Enquanto a rabeca  
não se incomodava,  
a sua cadeira era o par.  
Pulava o jurista  
de quico na crista,  
ninguém se atrevia a parar.  
E a mãe entrevada,  
que estava deitada,  
levanta-se e põe-se a bailar:  
Vá de folia, vá de folia  
Que há sete anos me não mexia  
Vá de folia, vá de folia,  
Que há sete anos me não mexia!



Peste & Sida são uma banda de rock portuguesa constituída no Verão de 1986, em Lisboa. A banda era formada por João San Payo (baixo), Luís Varatojo (guitarra) Eduardo Dias (bateria) e João Pedro Almendra que se junta ao grupo para se encarregar das vocalizações; Orlando Cohen entra pouco depois.





# Ritual Tejo

## CANTO MOÇO

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Somos filhos da madrugada  
Pelas praias do mar nos vamos  
À procura de quem nos traga  
Verde oliva de flor no ramo  
Navegamos de vaga em vaga  
Não soubemos de dor nem mágoa  
Pelas praias do mar nos vamos  
À procura da manhã clara

Lá do cimo duma montanha  
Acendemos uma fogueira  
Para não se apagar a chama  
Que dá vida na noite inteira  
Mensageira pomba chamada  
Companheira da madrugada  
Quando a noite vier que venha  
Lá do cimo duma montanha

Onde o vento cortou amarras  
Largaremos pela noite fora  
Onde há sempre uma boa estrela  
Noite e dia ao romper da aurora  
Vira a proa minha galera  
Que a vitória já não espera  
Fresca brisa, moira encantada  
Vira a proa da minha barca



O grupo *Ritual Tejo* foi uma banda portuguesa do início da década de 1990 criada por Paulo Costa, José Manuel Afonso, Artur Santos, Fernando Martins e Quim Zé Rebelo.

Em 1987, com Paulo Costa, José Manuel Afonso, Artur Santos e ainda Chipas na bateria, começaram por se chamar *Easy Gents'* mas, após vencerem o 5º Concurso de Música Moderna do Rock Rendez-Vous, mudaram o nome para *Ritual Tejo*; nesta altura, Fernando Martins entra para o grupo e Chipas é substituído por Quim Zé Rebelo.



# Sétima Legião

## CANTIGAS DE MAIO

(Os filhos da madrugada cantam  
José Afonso)

Eu fui ver a minha amada  
Lá p'rós baixos dum jardim  
Dei-lhe uma rosa encarnada  
Para se lembrar de mim

Minha mãe quando eu morrer  
Ai chore por quem muito amargou  
Para então dizer ao mundo  
Ai Deus mo deu, ai Deus mo levou  
(Refrão)

Eu fui ver o meu benzinho  
Lá p'rós lados dum passal  
Dei-lhe o meu lenço de linho  
Que é do mais fino bragal

(Refrão)

Eu fui ver uma donzela  
Numa barquinha a dormir  
Dei-lhe uma colcha de seda  
Para nela se cobrir

Eu fui ver uma solteira  
Numa salinha a fiar  
Dei-lhe uma rosa vermelha  
Para de mim se encantar

Eu fui ver a minha amada  
Lá nos campos eu fui ver  
Dei-lhe uma rosa encarnada  
Para de mim se prender  
(Refrão)

Verdes prados, verdes campos  
Onde está minha paixão  
As andorinhas não param  
Umas voltam outras não

(Refrão)



O grupo Sétima Legião foi uma banda portuguesa, formada no início da década de 1980 em Lisboa, por Rodrigo Leão, Nuno Cruz e Pedro Oliveira.

Adoptou desde o início um estilo musical eclético misturando pop-rock, com música popular e tradicional portuguesa e misturando instrumentos como gaitas de fole, viola d'arco e acordeão com baixo, bateria e samplers.

**UHF**

## **A MORTE SAIU À RUA**

**(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)**

A morte saiu à rua num dia assim  
Naquele lugar sem nome para qualquer fim  
Uma gota rubra sobre a calçada cai  
E um rio de sangue de um peito aberto sai

O vento que dá nas canas do canavial  
E a foice duma ceifeira de Portugal  
E o som da bigorna como um clarim do céu  
Vão dizendo em toda a parte o Pintor morreu

Teu sangue, Pintor, reclama outra morte igual  
Só olho por olho e dente por dente vale  
À lei assassina, à morte que te matou  
Teu corpo pertence à terra que te abraçou

Aqui te afirmamos dente por dente assim  
Que um dia rirá melhor quem rirá por fim  
Na curva da estrada à covas feitas no chão  
E em todas florirão rosas de uma nação



O grupo UHF uma banda portuguesa de rock formada na Costa de Caparica, em Almada, em 1978. A formação inicial foi composta por António Manuel Ribeiro (vocal e guitarra), Renato Gomes (guitarra), Carlos Peres (baixo) e Américo Manuel (bateria). Atualmente são formados por António Manuel Ribeiro (vocal e guitarra), António Côrte-Real (guitarra), Nuno Correia (baixo) e Ivan Cristiano (bateria).

Resultante do pós punk, no final dos anos setenta, a sonoridade da banda incorpora o rock direto e espontâneo de características urbanas, produzindo também um som mais acústico e hard rock com alguma influência dos Doors.



XELA ARIAS

REVOLTA

-Pois ti podes pararme, encomendarme  
á vella relixión de nós parados,  
brazos quedos e a morte nos meus  
labios.

Di podo. Quizás non olla-lo feito.

Ándanme sempre as mans facendo praias  
imposibles; pode ser de non medrar  
e caer no intento os dedos partidos...

(Non, ¡o tigre revóltase aló dentro...!)

-Dicide parará; nel anubarán  
horizontes que amara, ebrio fincará  
os pés no destino dos cadáveres...  
E, erguido ou o século disculpado,  
a gracia da praia virá comenzo,  
destrucción e do inmóbil o desprecio.

Publicado en *VII Festival da Poesía no Condado*.  
*A Zeca Afonso, na memoria viva*. (1987)



Xela Arias (Sarria, Lugo, 1962-Vigo, 2003) foi unha poeta galega, tradutora e editora, desenvolveu o seu traballo profesional en Edicións Xerais entre 1980 e 1990. Como poeta, publicou os libros *Denuncia do equilibrio* (1986), *Tigres coma cabalos* (1990), en colaboración con el fotógrafo Xulio Gil, *Darío a diario* (1996) e *Intempériome* (2003). Publicou tamén en fanzines e revistas alternativas, como *Katarsis* ou *As follas de Sísifo*, e en revistas literarias como *Dorna* ou *Festa da palabra silenciada*. Foi homenaxeada no Día das Letras Galegas no ano 2021.



XELA ARIAS

SON AS AUGAS



Nas paredes escribiran mortos.  
O vento trae maquinarias. Sorte  
de ríos amarelos vén parar ás nosas mans;  
atraio, quizais, os malos destinos  
pois abrazo a morte, toda morte,  
¿da vida? Ríos pesados de baleas  
confonden os pasos que avanzamos.  
E calo.

Ríos, ríos, só auga, coma ríos  
sucesos acontecidos, contidos acenos  
que desatamos, ríos que se desfollan.

¿Cando hemos desaparecer, cariño?  
Fundida á confusión, ¡como agradezo!  
Estufas tiran linguas  
abrasadoras para cazarme.  
E non se atrapan  
reflexos das luces nos peiraos,  
ás noites,  
cando eles dormen.



Xela Arias (Sarria, Lugo, 1962-Vigo, 2003) foi unha poeta galega, tradutora e editora, desenvolveu o seu traballo profesional en Edicións Xerais entre 1980 e 1990. Como poeta, publicou os libros *Denuncia do equilibrio* (1986), *Tigres coma cabalos* (1990), en colaboración con el fotógrafo Xulio Gil, *Darío a diario* (1996) e *Intempériome* (2003). Publicou tamén en fanzines e revistas alternativas, como *Katarsis* ou *As follas de Sísifo*, e en revistas literarias como *Dorna* ou *Festa da palabra silenciada*. Foi homenaxeada no Día das Letras Galegas no ano 2021.

Publicado en *VII Festival da Poesía no Condado. A Zeca Afonso, na memoria viva.* (1987)



# Xutos & Pontapés

## CORO DA PRIMAVERA

(Os filhos da madrugada cantam José Afonso)

Cobre-te canalha  
Na mortalha  
Hoje o rei vai nu  
Os velhos tiranos  
De há mil anos  
Morrem como tu  
Abre uma trincheira  
Companheira  
Deita-te no chão  
Sempre à tua frente  
Viste gente  
Doutra condição

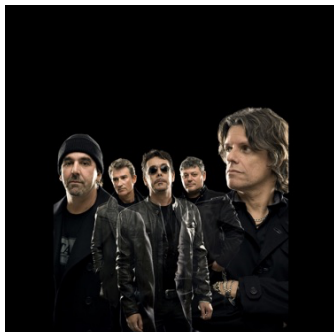
Venha a maré cheia  
Duma ideia  
P'ra nos empurrar  
Só um pensamento  
No momento  
P'ra nos despertar  
Eia mais um braço  
E outro braço  
Nos conduz irmão  
Sempre a nossa fome  
Nos consome  
Dá-me a tua mão

Ergue-te ó Sol de Verão  
Somos nós os teus cantores  
Da matinal canção  
Ouvem-se já os rumores  
Ouvem-se já os clamores  
Ouvem-se já os tambores

Ergue-te ó Sol de Verão  
Somos nós os teus cantores  
Da matinal canção  
Ouvem-se já os rumores  
Ouvem-se já os clamores  
Ouvem-se já os tambores

Livra-te do medo  
Que bem cedo  
Há-de o Sol queimar  
E tu camarada  
Poe-te em guarda  
Que te vão matar  
Venham lavradeiras  
Mondadeiras  
Deste campo em flor  
Venham enlaçadas  
De mãos dadas  
Semear o amor

Ergue-te ó Sol de Verão  
[...]



O grupo Xutos & Pontapés formou-se em 1979 e, para além de Tim, Zé Pedro, João Cabeleira e Kalú, fizeram ainda parte da banda Zé Leonel (vocalista e um dos seus fundadores) Francis (guitarrista) e Gui (saxofonista). Inicialmente conotado com a atitude *punk*, e mais de 3 décadas depois do arranque, os Xutos & Pontapés são o emblema do que significa rock & roll em português, por portugueses, para portugueses, com a maior longevidade de uma carreira rock em Portugal.



**EXPOSIÇÃO**

25 de abril - 29 de maio

# 50 ANOS DE 25 DE ABRIL

## POESIA E POLÍTICA

CARTAZES ORIGINAIS DAS PRIMEIRAS  
ELEIÇÕES PÓS-25 DE ABRIL  
no Camões - Centro Cultural Português em Vigo

Inauguração  
25 de abril | 11.30h

**ENTRADA LIVRE**

I Cátedra Internacional  
José Saramago

Universidade de Vigo



**CAMÕES**  
CENTRO CULTURAL  
PORTUGUÊS  
**PORTUGAL**  
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS